

doi.org/10.51891/rease.v9i4.9262

A DANÇA E O TEATRO COMO APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL: ALGUMAS REFLEXÕES

THE DANCE AND THEATER AS LEARNING IN NON-FORMAL EDUCATION:
SOME REFLECTIONS

LA DANZA Y EL TEATRO COMO APRENDIZAJE EN LA EDUCACIÓN NO
FORMAL: ALGUNAS REFLEXIONES

Reviu Barros¹

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo geral refletir alguns aspectos da educação não-formal, tendo como eixo norteador três textos (o que é educação; um sobrevoo: o conceito de educação não formal e movimentos sociais na contemporaneidade), estudados e discutidos sobre o tema em sala de aula na disciplina: educação como cultura, do curso Mestrado em Educação de uma universidade no interior do estado de São Paulo. A linha de pensamento para a reflexão deste trabalho, remete-se ao destaque para a dança e o teatro como modalidades de aprendizagens nos espaços não formais de educação. O objetivo específico ancora-se na possibilidade de tentar se conhecer a especificidade da educação não-formal, no aspecto social e histórico no âmbito da cultura, no pressuposto de repensar que a educação acontece também fora dos muros da sala de aula. O resultado da pesquisa mostrou que: o teatro como modalidade de ensino não-formal, possui também uma relação bem próxima com a educação formal e a formação profissional quando prioriza aos seus participantes um exercício de expressão corporal aliado a futura inserção no mercado de trabalho. Percebeu-se que, a dança nos espaços não-formais de educação, proporciona aprendizagem, respeito pelo outro, interação social e bem-estar para seus participantes, melhorando a qualidade de vida destes na sociedade.

746

Palavras-chave: Aprendizagem. Educação Não-formal. Teatro. Dança.

¹Professor universitário, graduado em Letras, Pedagogia, Especialista e Mestre em Educação. Universidade – UNINTER – Curitiba, Paraná. CV: <http://lattes.cnpq.br/8685651192482580>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8322-316X>

ABSTRACT: This article aims to reflect on some aspects of non-formal education, having as its guiding axis three texts (what is education; an overflight: the concept of non-formal education and contemporary social movements), studied and discussed on the topic in the classroom, in the subject Education as Culture, from the master's in education course at a university within the state of São Paulo. The line of thought for the reflection of this work refers to the emphasis on dance and theater as learning modalities in non-formal education spaces. The specific objective is based on the possibility of trying to understand the specificity of non-formal education, in the social and historical aspect in the context of culture, on the assumption of rethinking that education also takes place outside the walls of the classroom. The research results showed that: theater as a modality in non-formal education also has a very close relationship with formal education and professional training when it prioritizes an exercise in bodily expression allied to future insertion in the labor market for its participants. It was noticed that dance in non-formal educational spaces provides learning, respect for others, social interaction, and well-being for its participants, improving their quality of life in society.

Keywords: Learning. Non-Formal Education. Theater. Dance.

RESUMEN: Este artículo tiene como objetivo general reflejar algunos aspectos de la educación no formal, teniendo como eje rector tres textos (qué es la educación; un sobrevuelo: el concepto de educación no formal y los movimientos sociales contemporáneos), estudiados y discutidos sobre el tema en el aula, en la asignatura Educación como cultura, del máster en educación de una universidad del campo de Sao Paulo. Como línea de pensamiento para la reflexión de este trabajo, se hace referencia al énfasis en la danza y el teatro como modalidades de aprendizaje en los espacios de educación no formal. El objetivo específico se ancla en la posibilidad de intentar conocer la especificidad de la educación no formal, en el aspecto social e histórico en el contexto de la cultura, en el supuesto de repensar que la educación también se da fuera de los muros del aula. El resultado de la investigación mostró que: el teatro como modalidad en la educación no formal también tiene una relación muy estrecha con la educación formal y la formación profesional cuando prioriza a sus participantes con un ejercicio de expresión corporal combinado con la inserción futura en el mercado laboral. Se notó que la danza en espacios no formales brinda aprendizaje, respeto por los demás, interacción social y bienestar a sus participantes, mejorando su calidad de vida en la sociedad.

Palabras clave: Aprendizaje. Educación No-Formal. Teatro. Danza.

INTRODUÇÃO

A educação não-formal é entendida como um campo conceitual e como possibilidades práticas e reflexivas de formação de sujeitos e de grupos humanos bem como de processos diferenciados de socialização que acontecem nas interações e nos espaços-tempos institucionais e não institucionalizados. (LIMA e FERNANDES,

2018, p.1). O presente artigo busca refletir sobre alguns aspectos da educação não-formal nos espaços sociais no âmbito da cultura. A base para a tessitura deste trabalho, ancorou-se em três textos² estudados e discutidos em sala de aula, de autores pertinentes ao tema, na disciplina Educação como Cultura, do Mestrado em educação de uma universidade no interior do estado de São Paulo.

Diante disso, surgiu a seguinte indagação: é possível haver aprendizagem na dança e no teatro em espaço não-formal de educação? Para tentar algumas respostas para o tema em questão, buscou-se apoio na literatura específica e nas discussões realizadas nos debates que aconteceram nos seminários presenciais em sala de aula.

A linha de pensamento para a reflexão neste artigo tem o destaque: a dança e o teatro como modalidades de aprendizagens nos espaços sociais de educação. Partindo da premissa que educação também acontece fora da sala de aula, destarte, este trabalho procura vislumbrar que educar não se restringe ao locus formal de aprendizagem, mas compreende todas as ações e processos que estimulam o conhecimento e ao modo de aprender.

Desse modo:

Ensinar não é transmitir dogmaticamente conhecimentos, mas dirigir e incentivar com habilidade e método, a atividade espontânea e criadora do educando. Nessas condições, o ensino compreende todas as operações e processos que favorecem e estimulam o curso vivo e dinâmico da aprendizagem. (SANTOS, 1961, p. 68).

Nessa concepção, a educação não-formal vai surgir e influenciar como protagonista dos espaços educativos e locais diferentes da educação formal, possibilitando mudanças e outros jeitos de fazer educação.

Garcia (2003), explica que:

O que parece importante considerar é que a educação não-formal, como área do conhecimento pedagógico, passou a ser observada como válida e como possibilitadora de mudanças, inclusive dentro da própria concepção de educação, a partir de seu aparecimento e de sua inclusão como área pedagógica em documentos e artigos relevantes da área educacional. Outros jeitos de se “fazer” educação foram percebidos como válidos e, a partir de

² 1- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é educação / Carlos Rodrigues Brandão. (Coleção primeiros passos; 20) São Paulo: Brasiliense, 2007.

2- GARCIA, Valéria Aroeira. Um sobrevoo: o conceito de educação não formal. IN: FERNANDES, Renata Sieiro e PARK, Margareth Brandini (orgs.). Educação Não-Formal: contextos, percursos e sujeitos. Campinas, SP; UNICAMP/CMU; Holambra, SP: Editora setembro, 2005. p. 19-43.

3- GOHN, M. da G. Movimentos sociais na contemporaneidade. Trabalho encomendado pelo Grupo de Trabalho Movimentos Sociais e Educação, apresentado na 33ª Reunião Anual da ANPEd, realizada em Caxambu (MG), de 17 a 20 de outubro de 2010. Revista Brasileira de Educação v. 16 n. 47 maio-ago. 2011.

então, ganharam espaço e status de uma nova área educacional, por oposição ao que estava (e está) em crise. Parece ser esse o momento do nascimento não da ação da educação não-formal, mas desta como área conceitual. (GARCIA, 2003, p. 3).

O trabalho em espaços não formais pode ser um desafio para os profissionais da área de educação, mesmo não sendo uma prática como a educação escolar, isto não impede o profissional de utilizar de didáticas, metodologias, fazer planejamentos e possuir embasamento teórico e competências para assumir uma pedagogia social.

METODOLOGIA

Partindo do pressuposto que a educação também acontece fora dos muros da sala de aula, este artigo procurou entender que educar não se restringe apenas ao lócus formal de aprendizagem, mas compreende todas as ações e processos que estimulam o conhecimento e ao modo de aprender em locais para a educação não-formal.

Nesse conceito, e com o suporte teórico de autores pertinentes ao tema em estudo, tais como: BRANDÃO (2007); FERNANDES (2007); GARCIA (2005); GOHN (2011); LIMA (2018); SANTOS (1961); TRILLA (1996); VIEIRA (2005), dentre outros. E, com uma minuciosa leitura dos três textos³ estudados em sala de aula como eixo norteador, conseguiu-se elaborar e compor a tessitura desse trabalho.

A especificidade desta pesquisa possui a modalidade qualitativa que segundo Gil (2002, p.17):

É um procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa é requerida quando não se dispõe de informação suficiente para responder ao problema, ou então quando a informação disponível se encontra em tal estado de desordem que não possa ser adequadamente relacionada ao problema.

Para análise sistemática dos dados, seguiu-se o pressuposto de André (2005, p. 101), quando enfatiza que:

A análise está presente nas várias fases da pesquisa, tornando-se mais sistemática e mais formal após o encerramento da coleta de dados. Desde o início do estudo, no entanto, são usados procedimentos analíticos, quando se procura verificar a pertinência das questões selecionadas frente às características específicas da situação estudada e são tomadas decisões sobre áreas a serem mais exploradas, aspectos que merecem mais atenção e outros que podem ser descartados.

³ Ver os três textos em nota de rodapé página 3.

Nessa propositura, inferência e a análise de dados, deu-se no aspecto objetivo e subjetivo, por meio das concepções dos autores mencionados, e pelo resultado das apresentações de seminários, e dos debates que foram realizados pelos mestrados⁴ na modalidade presencial em sala de aula, na disciplina: educação como cultura de uma universidade no interior do estado de São Paulo.

BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL

Na década de sessenta, Trilla (1996), citado por Garcia, diz que nessa época: “é quando começa aparecer a expressão educação não formal relacionada ao campo pedagógico, o que trouxe uma série de críticas ao sistema formal de ensino”. Diante da crise que se encontrava e educação formal nessa época Trilla (1999), surgiu vários estudos e discussões pedagógicas evidenciadas à educação formal, isso foi um marco para o surgimento da educação não formal como oposição do ensino formalizado.

Segundo Garcia (2003), alguns fatores foram importantes para o surgimento da educação não-formal, por exemplo: mudanças ocorridas na estrutura familiar burguesa, em conformidade os resultados das modificações nas relações próprias do trabalho.

Trilla (1996), traz os fatores sociais que auxiliaram o surgimento da educação não formal:

[...] El reducto familiar, por factores de diversos tipos, se há ido abriendo. La progresiva incorporación de la mujer al trabajo retribuido fuera del hogar há propiciado unos tiempos vacíos de control y de atención directa sobre los niños. La reducción del espacio urbano desproveía a los niños de lugar de juego espontáneo y de ciertas posibilidades de relación horizontal socializadora. Estos y otros factores han ido creando la necesidad de instituciones de custodia y de educación infantil complementarias a la escuela y a la familia. Instituciones que han ido sustituyendo a la familia, o la calle, en una parte de las funciones de socialización antes asumida por éstas [...] (op. cit. p.218).

A diminuição da estrutura familiar, segundo a autora, vai dificultar a convivência entre irmão, parentes, e com outros de diferentes idades, etnias, gêneros etc. Estas não possuem espaços suficientes para a socialização pelo fato do processo de urbanização que trouxe a intensificação da migração rural/urbana, estimulando a

⁴ A turma composta por 15 alunos mestrados participantes nesta pesquisa no segundo semestre de 2018.

diminuição das famílias que antes eram extensas, e assim, contribuindo para que os centros urbanos criassem outras concepções de espaços; sejam ruas ou praças para a coletividade o que na verdade a cada dia vem se tornando locais impróprios e inseguros.

As transformações, tanto no contexto do trabalho quanto na vida urbana, desmontaram a vida tradicional e a sociedade passou a estruturar-se e reorganizar-se e responder às mudanças, inclusive no campo educacional.

De acordo com Brandão (2007):

O homem é um agente inventor que transforma com o trabalho e a consciência, partes da natureza em invenções de sua cultura, aprendeu com o tempo a transformar partes das trocas feitas no interior desta cultura em situações sociais de aprender ensinar e aprender: em educação. Na espécie humana a educação não continua apenas o trabalho da vida. Ela se instala dentro de um domínio propriamente humano de trocas: de símbolos, de intenções, de padrões de cultura e de relações de poder. (BRANDÃO, 2007, p. 14).

O processo de educação formal e não formal e a socialização acontece nesses meios como; trabalho, família, escola, igreja, rua etc. Segundo esse autor ninguém está livre da educação e nem existe apenas uma maneira de fazer educação. Ele diz: “Não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a sua única prática e o professor profissional não é o seu único praticante” (BRANDÃO, 2007, p. 9).

A educação existe em diversos mundos, em pequenas tribos, agricultores, pastores, em países desenvolvidos e industrializados, em mundo sociais sem classes, de classes, com este ou aquele tipo de conflito entre as suas classes, em tipos de sociedades e culturas sem Estado, com um Estado em formação ou com ele consolidado entre e sobre as pessoas.

As pessoas convivem umas com as outras e o saber flui, pelos atos de quem sabe-e-faz, para quem não-sabe-e-aprende. O aprendizado pode acontecer até de forma mais simples nas relações entre grupos, tribos ou sociedade. Neste exemplo, Brandão fala da aprendizagem da criança na tribo: “A criança vê, entende, imita e aprende com a sabedoria que existe no próprio gesto de *fazer a coisa*. São também situações de aprendizagem aquelas em que as pessoas do grupo trocam bens materiais entre si ou trocam serviços e significados.” (BRANDÃO, grifos do autor, 2007, p.18).

Quando falamos de educação não-formal, parece inevitável sua comparação com a educação formal e a educação informal. Mas, para entendermos melhor Gohn (2011) estabelece uma série de parâmetros que diferenciam esses conceitos.

Segundo Gohn (2011), os ambientes que seguem normas, padrões e regras comportamentais previamente estabelecidos, onde o objetivo é a aprendizagem e o ensino de conteúdos historicamente sistematizados, são os espaços como as escolas, instituições regulamentadas por lei e organizadas segundo diretrizes nacionais. Nestes espaços, o agente educador é o professor.

Em se tratando da educação não-formal, o agente educador é aquele com quem se interage em espaços fora da escola, são locais onde existem processos interativos intencionais, sendo que a intencionalidade é um ponto importante utilizado para diferenciar a educação não-formal da educação informal. A aprendizagem da educação não formal, consiste em situações e ambientes interativos, construídos coletivamente, onde a participação é optativa por parte dos indivíduos.

Segundo Gohn (2006, p. 29), a educação não-formal possui: a finalidade de abrir as janelas do conhecimento sobre o mundo que envolve os indivíduos e suas relações sociais, gerando, assim, a transmissão de informação e formação política e sociocultural.

Por outro aspecto, também na educação informal, os agentes educadores são os pais, a família, os amigos, de um modo geral. Os espaços de aprendizagens não-formal são diversos, podendo ser a casa em que se mora, a rua do bairro, o condomínio, a igreja, a família ou o clube que se frequenta. Essa modalidade educativa não é organizada e os conhecimentos não são sistematizados sendo repassados a partir das práticas e experiência anteriores, acompanhada de valores e representações.

Percebe-se que, a educação informal está presente em todos os lugares de forma não sistematizada, porém é dinâmica em sua atuação nesses meios.

Nesse parecer, entende-se que a educação não-formal é heterogênea em suas contribuições, isso vai permitir a diversidade cultural, como uma de suas características.

Garcia (2005), esclarece que:

A educação não-formal não é estática, é uma atividade aberta que ainda está em construção, portanto não tem uma identidade pronta e acabada. É uma área bastante diversa, e esse aspecto é muito interessante, pois permite, além de contribuições de várias áreas, a

composição de diferentes bagagens culturais, tendo a diversidade como uma de suas características. (GARCIA, 2005, p. 35).

Desse modo, a educação não-formal permite certa irreverência ao lidar com as questões do contexto educacional e das relações inerentes a ele, favorecendo e possibilitando a criação.

OS ESPAÇOS NÃO-FORMAIS DE EDUCAÇÃO: A DANÇA E O TEATRO

A expressão espaço não-formal tem sido utilizada atualmente por professores e pesquisadores de diversas áreas do conhecimento e por profissionais que trabalham com divulgação científica para descrever lugares, diferentes da escola, onde é possível desenvolver atividades educativas.

Com o objetivo de buscar uma definição para espaço não-formal, é importante conceituar o que é espaço formal de Educação. O espaço formal é o espaço escolar, que está relacionado às Instituições Escolares da Educação Básica e do Ensino Superior, definidas na Lei 9394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional⁵. É a escola, com todas as suas dependências: salas de aula, laboratórios, quadras de esportes, biblioteca, pátio, cantina, refeitório.

753

A educação não-formal é voltada para questões que dizem respeito ao dia a dia dos participantes.

Desse modo:

O principal objetivo dessa corrente educativa é a formação de cidadãos aptos a solucionar problemas do cotidiano, desenvolver habilidades, capacitar-se para o trabalho, organizar-se coletivamente, apurar a compreensão do mundo à sua volta e ler criticamente a informação que recebem. Isso é feito pela valorização de elementos culturais já existentes na comunidade, às vezes mesclados com novos elementos introduzidos pelos educadores, e pela experiência em ações coletivas, frequentemente organizadas segundo eixos temáticos: questões étnico-raciais, de gênero, geracionais etc. (GOHN, et al, 2007, p. 14).

Nesta reflexão, vale pensar no seguinte problema: Qualquer lugar é espaço não-formal de educação? Há espaços não formais e informais de educação? O que realmente quer dizer cada um e suas diferenças.

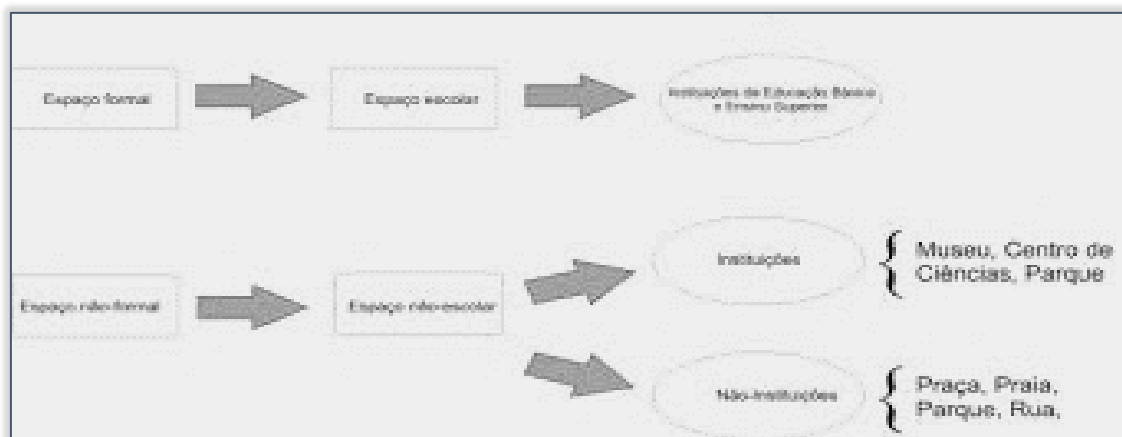
Para tentar definir os espaços não-formais de educação, seria interessante pensar em duas categorias podem ser sugeridas: locais que são Instituições e locais que

⁵ Portal do Ministério da Educação <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2021.

não são Instituições. Na categoria Instituições, podem ser incluídos os espaços que são regulamentados e que possuem equipe técnica responsável pelas atividades executadas, sendo o caso dos Museus, Centros de Ciências, Parques Ecológicos, Parques Zoológicos, Jardins Botânicos, Planetários, Institutos de Pesquisa. Já os ambientes naturais ou urbanos que não dispõem de estruturação institucional, mas onde é possível

adotar práticas educativas, englobam a categoria Não-Instituições. Nessa categoria podem ser incluídos teatro, parque, casa, rua, praça, terreno, cinema, praia, caverna, rio, lagoa, campo de futebol, dentre outros inúmeros espaços. A figura do quadro 1 mostra as sugestões de definições para espaço formal e não-formal.

Figura 1: Quadro de Sugestões de definições para espaço formal e não-formal de Educação



Fonte: Jacobucci, 2007. Disponível em: http://reec.uvigo.es/volumenes/volumen10/REEC_10_3_7.pdf. Acesso em: 14 ago. 2018.

Conforme explica o gráfico, a educação não-formal acontece nos espaços não escolares. Exemplos de instituições não formais: museus, centro de ciências, parques; e de não instituições: praça, praia, parque, rua.

Os espaços não-formais, segundo Vieira *et al.* (2005), como os museus e centros de ciências, podem estimular a curiosidade dos visitantes e suprir parcialmente certas carências da escola no estímulo ao aprendizado. Porém o autor sugere que para tal intuito, é importante que sejam feitas análises desses espaços para um melhor aproveitamento escolar.

Sendo assim, podemos dizer que os espaços-formais de Educação onde estão inseridas as Instituições Educacionais, enquanto os espaços não-formais referem-se com Instituições cuja função básica não é a Educação formal e com lugares não-institucionalizados.

Entre muitas modalidades de aprendizagens nos espaços não-formais, podemos destacar no universo das formas de expressão e linguagem artística: a dança e o teatro. Essas duas modalidades de aprendizagens se destacam de forma bem-sucedida em razão de seu poder de envolvimento e interação dos participantes. Desse modo, esses projetos sociais fazem até conexão com a escola trazendo benefício na aprendizagem e reforço escolar.

Conforme Fernandes et al. (2007):

Alguns projetos fazem conexão com a escola local no sentido de serem um reforço para o desempenho escolar. Nesses casos, as instituições também fazem apresentações nas escolas locais. Há muitos projetos na área da música, com predomínio de gêneros contemporâneos, como o hip-hop em suas diversas modalidades (rap, break etc. (FERNANDES, et al. 2007, p. 52).

A dança nos espaços não-formais proporciona aprendizagem, respeito pelo outro, interação social e bem-estar. Para Fernandes, “[...] questões de ordem qualitativa, tais como: “desenvolver ou aumentar a autoestima”, são considerados objetivos gerais, [...] (FERNANDES, 2007, p. 73). O hip-hop é uma modalidade de dança que pode traduzir isso, como mostra a oficina de hip-hop de Triunfo na figura abaixo.

Figura: 2 - Oficina de hip-hop com Nelson Triunfo



Fonte: Fernandes, Não-fronteiras: universos da educação não-formal. 2ª edição, Itaú Cultural, São Paulo, 2007.

É fato que, dançar não é apenas mover o corpo em harmonia de um ritmo. Ela expressa uma linguagem corporal, demonstrando as influências, concepções e expressões, capazes de levar contextos históricos, desenvolvendo-se a partir de concepções que trazem a dança, o teatro, os ritmos, por meio de movimentos corporais, que ligam o sujeito à sua realidade e o momento social em que está inserido.

De acordo com Silva (2009), a dança segue sua trajetória conforme a evolução da humanidade, remetendo-se desde os primórdios, proporcionando caminhos para a autorrealização, e características do desenvolvimento humano, dando possibilidades ao corpo de extravasar suas emoções por meio da dança. Para esse autor, o percurso evolutivo da história da dança, influenciou nas vertentes culturais sendo elas primitivas e contemporâneas.

Para Lagendonck (2014), a dança não possui um padrão, ela sofre mudanças conforme técnicas pré-estabelecidas, e ressalta que:

A dança contemporânea não impõe modelos rígidos; os corpos dos artistas não têm um padrão preestabelecido, bem como os tipos físicos são gordos, magros, altos, baixos e de diferentes etnias. A maioria desses trabalhos incorpora novos movimentos e não mais os movimentos convencionais do balé ou das técnicas de dança moderna. (LAGENDONCK, 2014, p. 18).

Nesse contexto, Silva (2009) e Brasil (2010), apontam que a dança traz contribuições importantes para envolver o sujeito por meio de valores relevantes, levando a diversidade cultural, em uma linguagem que se propaga em todo mundo, em que os corpos dançam, acrescentando reações, subjetividades, expressas por sua constância e de definições, considerado como movimento associado.

756

Nisso reflete que:

O corpo que dança é, também, o corpo que pensa. Isso contradiz toda aquela concepção dualista que separa a mente do corpo e que fragmenta o ser humano. O corpo que dança não apenas executa movimentos, mas reflete os movimentos que realiza em diálogo consigo mesmo e com o mundo. O corpo que dança é o corpo que fala, que argumenta, que se posiciona e que se expande nos significados e sentidos que constrói. (Brasil, 2010, p.11).

A diversidade notável da dança remonta desde a sua formação histórica, abrange a musicalidade e o diálogo transmitidos por meio dos movimentos corporais dançantes. A dialogicidade transmitida por meio da dança, vai proporcionar algumas contribuições para a aprendizagem dos sujeitos.

Para NANNI (1995), a dança contribui para o desenvolvimento das funções intelectuais como: atenção, memorização, raciocínio, curiosidade, observação, criatividade, exploração, entendimento qualitativo de situações e poder de crítica. De acordo com essa autora, a dança em seu caráter educativo pode trazer grandes contribuições para o desenvolvimento da aprendizagem. Enfim, a dança pode contribuir para um bom aprendizado, e traz benefício para o desenvolvimento da

autoestima, confiança, motivação, elementos estes de suma importância para a aprendizagem e a formação mesmo em espaços extraescolares.

A figura abaixo mostra como a dança representa uma modalidade de interação, conhecimento e aprendizagem nos espaços não-formais de educação.

Figura: 3 - Jovens brilham em apresentação do Ballet Stagium.



Fonte: Fernandes, Não-fronteiras: universos da educação não-formal. 2ª edição, Itaú Cultural, São Paulo, 2007.

Por outro aspecto, é importante que a proposta de teatro na educação não-formal funcione, também, como espaço e prática de vivência social, que estabeleça laços de afetividade entre os participantes e esteja voltado para o desenvolvimento/apreciação dessa linguagem artística, pois assim se justifica a presença de um profissional habilitado para exercer essa função seja em qualquer espaço socioeducativo (presídio, ONG's, comunidades, oficinas livres etc.). A figura abaixo, mostra uma apresentação de teatro e seu efeito na modalidade recreativa e ação educativa para uma comunidade.

Figura - 4 - Ação recreativa em Campo Largo: comunidade trabalha com autonomia pelo desenvolvimento educativo da região



Fonte: Lima, D. L. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/a-educacao-alem-da-escola>. Acesso em 01/06/2018.

É importante saber que o teatro na educação não formal pondere e reavive a cultura dos indivíduos nela envolvidos, abrangendo educadores e educandos, de modo que a bagagem cultural de cada um seja considerada e esteja presente no decorrer de todos os trabalhos, a fim de não somente valorizar a realidade de cada um, mas indo além, levando essa realidade a perpassar todas as atividades.

Figura- 5 - Composição de figurinos na oficina do Teatro Popular União e Olho Vivo



Fonte: Fernandes, R.S. Não-fronteiras: universos da educação não-formal. 2ª edição, Itaú Cultural, São Paulo, 2007.

A ilustração acima, mostra um corpo de ballet onde as integrantes apresentam uma peça teatral no estilo dançante, isso esclarece a importância do teatro na relação com o outro para a construção da aprendizagem. Desse modo, a vivência teatral ajuda a estabelecer um diálogo com a realidade de vida dos participantes e com a cultura, podendo proporcionar contribuições na interação com o mundo, ou seja, os sujeitos aprendem questões além da linguagem teatral.

O teatro como uma das linguagens artísticas tem mostrado relevante importância como possível meio de comunicação e de expressão não apenas na atualidade, mas desde os tempos primórdios, isso porque ele proporciona um espaço de liberdade, no qual podemos trocar experiências, conhecimentos e dialogar criticamente uns com os outros. Onde pode haver, também, produção coletiva por meio da colaboração, cooperação, solidariedade e criatividade de cada um dos envolvidos nesse processo.

Na possibilidade de prática educativa e integração social, é importante salientar que o teatro não pode ser pensado apenas como ação para o exibicionismo, mas segundo Ribeiro (2004), deve ser:

Como uma possibilidade de expressão do verdadeiro eu, que promove muitas descobertas, age como um fomentador da educação. Nessa perspectiva, o teatro se constitui em uma disciplina que dá contribuições bastante valiosas à educação, na medida em que ele possibilita não só as crianças pensarem de forma criativa e independente, aguçando a imaginação e a iniciativa; despertando a prática da cooperação social, algo que está cada vez mais desaparecendo, tornando-se rara; o desenvolvimento da sensibilidade para relacionamentos pessoais, um ponto importantíssimo se levarmos em conta que a nossa sociedade tem promovido o distanciamento das pessoas. Além disso, o teatro proporciona também experiências de pensamento independente. Os jogos teatrais, certamente, dão essas possibilidades (RIBEIRO, 2004, p. 71)

No âmbito social, portanto, a troca de experiências proporcionada pela prática teatral pode estimular o respeito mútuo entre os sujeitos participantes. Nesse sentido, o teatro proporciona valiosas contribuições ajudando a promover a socialização do indivíduo, porque a partir das práticas teatrais trabalha-se o coletivo de forma a alcançar um objetivo comum. Por tanto, na experimentação teatral a sensibilidade e a entrega são elementos importantes para haver o compartilhamento, o diálogo, a negociação, a tolerância e, principalmente, a convivência, tão válidas e importantes para os integrantes de uma sociedade.

Enfim, compreende-se que a educação não-formal constitui uma gama de elementos de atuação educativa, suas possibilidades tornam-se, na realidade, o princípio de que a educação é uma atividade que prossegue depois da escola e que afeta também, da mesma maneira a quem não pode frequentar os bancos escolares, assumindo diversas maneiras, sendo seu conteúdo funcional, ajustado a determinado ambiente, e se percebe que é um processo educativo flexível, elástico e também seletivo em sua aplicação em um determinado espaço social e não formal de educação.

Diante disso, para Fernandes (2007, p.30), “Os saberes, no entanto, são construídos; não basta transmitir instruções porque não se aprende pelo acúmulo das informações, mas por um processo de recepção e processamento dessas informações”.

Os espaços não formais oferecem atividades educacionais no período inverso de estudo da criança ou do adolescente, sendo uma experiência didática, organizada e sistematizada fora do contexto formal da escola.

Nesse aspecto:

A educação não-formal designa um processo com várias dimensões tais como: a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades; a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se

organizarem com objetivos comunitários, voltadas para a solução de problemas coletivos cotidianos; a aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor; a educação desenvolvida na mídia e pela mídia, em especial a eletrônica etc..(GOHN, 2006, p.2).

A educação não-formal visa atender a população que se encontra em um estado financeiro vulnerável e com uma carência social. Pesquisas⁶ sobre o tema em estudo, nos mostram que espaços fora do ambiente escolar, podem proporcionar recursos pedagógicos complementares.

O PERFIL DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

A inquietação sobre a temática abordada no presente estudo resultou na necessidade de realização de uma de pesquisa de campo, na qual procurou-se observar qual seria a percepção dos mestrandos na disciplina: educação como cultura, de uma universidade numa cidade do interior de São Paulo, no que tange à modalidade de aprendizagem não-formal na dança e no teatro em espaços extraescolares ou não-formal de educação.

Para elaborar este trabalho em tela que se fez de maneira aleatória e espontânea, nas perguntas e respostas, tendo como critério básico apenas que os participantes estivessem devidamente matriculados no curso de mestrado em educação onde aconteceu este trabalho.

Sabe-se que, a pesquisa tem sua importância e reside no fato da possibilidade de provocação sobre o conhecimento prático acerca do assunto discutido, e desse modo, exista uma nova proposta que acrescente a sociedade conhecimento da área, e, além disso, permita compreender a razão desta realidade e como trazer intervenção a respeito de tal problemática em questão.

Segundo Minayo (2002), o procedimento investigatório é entendido como;

A atividade básica da Ciência na sua indagação e construção da realidade. É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo. Portanto, embora seja uma prática teórica, a pesquisa vincula o pensamento e ação. Ou seja, nada pode ser intelectualmente um problema, se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática. (MINAYO, 2002, p. 17).

⁶ https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/25198_12669.pdf. Acesso em: 19 de out. 2021.

Nesses termos, acredita-se que a pesquisa em questão e o método de coleta de dados utilizado como de extrema relevância para o campo da ciência, uma vez que é necessário que o aluno/mestrando tenha conhecimento das suas áreas de atuação podendo, desta maneira, escolher aquilo que de fato se apresenta como o melhor ou mais interessante a ser seguido após a conclusão do curso.

Nisso, se faz necessário conhecer o perfil dos participantes nesse trabalho

Figura – 6 – Perfil dos participantes dos debates e discussões

Identificação	Formação	Idade	Gênero	Período do Mestrado
M-1	Pedagogia	27	F	1º Semestre
M-2	Letras	59	M	3º Semestre
M-3	Pedagogia	43	F	2º Semestre
M-4	Direito	47	F	4º Semestre
M-5	Ed. Física	49	F	4º Semestre
M-6	Direito	51	M	4º Semestre
M-7	Letras	37	F	3º Semestre
M-8	Pedagogia	52	M	4º Semestre
M-9	Nutrição	53	F	4º Semestre
M-10	Pedagogia	28	F	1º Semestre
M-11	História	35	M	4º Semestre
M-12	Pedagogia	41	F	4º Semestre
M-13	Eng. Ambiental	50	M	1º Semestre
M-14	Pedagogia	31	F	1º Semestre
M-15	Pedagogia	42	M	1º Semestre

Fonte: Elaborado pelo autor desta pesquisa. (2018).

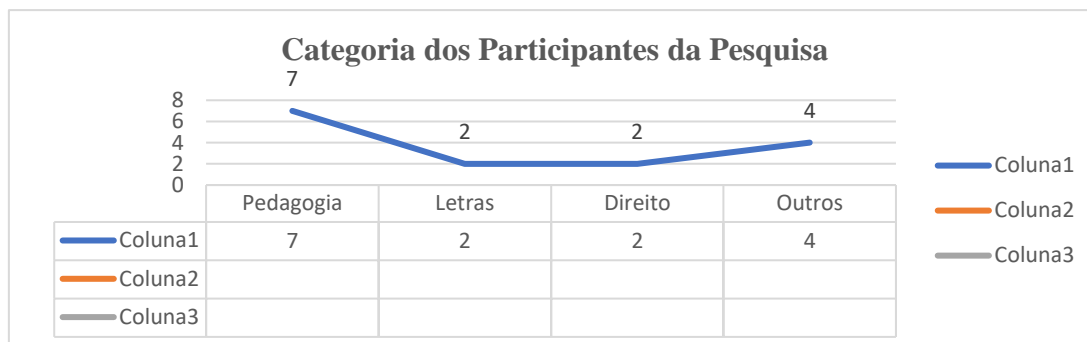
Sigla: M = Mestrando

Diante ao exposto no quadro acima, percebeu-se que a maioria dos participantes do curso mestrado em educação, foi alunos egressos do curso de Pedagogia. Quanto aos graduados em Letras e Direito, ficaram na posição de igualdade diante dos demais.

A idade predominante entre os mestrandos ficou entre 27 e 50 anos de idade na média, e o gênero feminino prevaleceu em maior número entre os participantes da turma. Dentre os 15 alunos mestrandos, apenas 5 estavam iniciando o curso, e os outros

io cursavam períodos mais adiantados, nessa turma tão heterogênea de formação, mas todos no mesmo propósito de estudar e fazer ciência enquanto educação. Ver no gráfico a seguir, o percentual por categoria dos participantes da pesquisa.

Figura - 7 – Gráfico demonstrativo das categorias dos participantes



Fonte: Elaborado pelo autor da pesquisa. (2018).

Durante o período de aula presencial, houve muitos debates e discussões sobre a educação não-formal, destacando a dança e teatro como aprendizagem em espaços extraescolares, o que resultou em diversas opiniões e conceitos sobre Educação não-formal.

RESULTADOS E DISCUSSÕES DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Para os resultados desta pesquisa, apresenta-se uma breve e sintética análise dos dados coletados e seus respectivos resultados, ressaltando que os dados investigados foram obtidos por meio de questões e debates em sala de aula na turma de mestrado em uma faculdade de uma cidade do interior do estado de São Paulo

Nesse sentido, exponho alguns relatos dos componentes dessa pesquisa, pela turma de mestrandos, quando se perguntou: o que você entende sobre educação não-formal? Esta indagação foi feita para aqueles participantes que possuíam formação em Pedagogia. Ou seja: as perguntas foram selecionadas por categoria de formação, para melhor desenvolver o roteiro e perceber as falas de cada um, levando em consideração o aspecto da questão para a inferência de dados da pesquisa.

O participante M-1 disse o seguinte: “a educação não-formal é um tipo de aprendizagem que ocorre no período inverso ao que o aluno frequenta a escola regular”. Já o M-3, falou que a educação não-formal: “é um tipo de educação que ocupa o aluno com atividades produtivas e longe do tempo ocioso inverso ao escolar, onde um

número grande de crianças ficariam pelas ruas, sujeitas a conhecerem uma realidade bastante presente no país, como drogas, cigarro e bebida etc.”.

Para o participante M-8, “essa é uma prática necessária e importante quando se pensa em um processo educacional que priorize a prática de atividades que favoreçam atividades culturais, como: esportes, rodas de conversas, relações de trocas de vivências, entre diversas outras atividades educacionais extraescolares”. Segundo M-10, “eu acho que a educação não-formal é muito importante para a aprendizagem e pode desenvolver-se nos mais variados espaços, sendo uma modalidade crescente no cenário nacional e pouco explorada nos meios acadêmicos. Enfim, M-12 e M-15, tiveram a mesma concepção quando disseram que: “a educação vai além do espaço delimitado pelos muros escolares e salas de aula, e o sujeito enquanto um ser social, ao longo de toda a trajetória de vida adquire conhecimentos concebidos por suas próprias experiências, por relações sociais com outros indivíduos, no âmbito familiar e em instituições educadoras formais e não formais.”

Em seguida, perguntamos para a categoria que possuía formação em Letras e Direito, a seguinte indagação: é possível haver aprendizagem por meio da dança e o teatro em espaços não formais de educação? O participante M-2 se pronunciou dizendo: “se a educação não-formal, é uma maneira diferenciada de ensino, é possível sim, aprender coletivamente nesses espaços, visto que possui a intencionalidade na ação no ato de participar, de aprender e de transmitir ou trocar saberes entre os participantes.” Na percepção de M-7, a dança e o teatro como educação não-formal, vai trazer inúmeros benefícios para a aprendizagem e melhora as relações sociais proporcionando bem-estar e saúde. Ele diz: “essa modalidade de aprendizagem na dança e no teatro vem cada vez mais sendo incluída nos currículos escolares e extraescolares, visto que a utilização da dança/teatro como prática pedagógica pode trazer muitas contribuições ao processo ensino aprendizagem.”

Para a categoria de Direito, quando questionados, os participantes M-4 e M-6 responderam o seguinte: “a dança e o teatro trazem aprendizagem e possibilitam a descoberta do próprio corpo, o reconhecimento de que cada indivíduo possui diferentes maneiras de se movimentar, se apresentar, o que resultará na conscientização do sujeito com relação ao respeito à individualidade dos seres humanos na sociedade.”

As outras categorias que compõem as formações em: Educação Física, Nutrição, Engenharia Ambiental e História, denominadas de M-5; M-9; M-12 e M-13, também concordou haver aprendizagem por meio da dança e o teatro no papel de educação não-formal. Eles se posicionaram dessa forma afirmando: “é importante salientar que a dança e o teatro, enquanto aprendizagem favorece o desenvolvimento do sujeito, tornando-o um ser capaz de pensar de maneira criativa, de expressar e se comunicar com o mundo que o envolve de forma espontânea. O que também nos faz observar a dança e o teatro como uma forma natural de comunicação através da expressão corporal.”

Diante disso, nos remete refletir o que diz Nanni (1995): o movimento corporal é de vital importância para o desenvolvimento da criança, pois através de suas habilidades motoras ela expande seus conhecimentos. De acordo com essa autora, é importante pensar que o corpo possui uma ligação interna, logo a mente está conectada aos movimentos. Portanto, estimular os movimentos resultará na excitação da mente, que automaticamente favorecerá no processo de aprendizagem dos participantes dessa prática.

Enfim, podemos observar diante o que foi exposto no presente estudo, que não há como opor-se que a dança e o teatro possam contribuir no processo ensino aprendizagem. E, assim, por meio dessas atividades adquire-se um desenvolvimento gradativo, com melhora no rendimento escolar, autoestima, mudança positiva no comportamento, entre muitos outros aspectos, pelo motivo de a dança e do teatro se tornarem uma atividade ideal que exercita corpo, mente e alma. Por isso é necessário a introdução dessas atividades nas instituições escolares e extraescolares, a fim de que os participantes dessa prática tenham acesso à arte e à cultura enquanto sujeito social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se que, grande parte das atividades desenvolvidas na Educação não-formal, pode ser também desempenhada na Educação formal e, se o profissional estiver preparado para atuar na escola, poderá atuar com qualidade nos mais diversos espaços sociais.

Desse modo, a finalidade deste artigo voltou-se para a reflexão sobre Educação não -formal, no aspecto conceitual, histórico nos espaços sociais; destacando a dança e o teatro como modalidades de aprendizagens e interação social de seus participantes.

Nesse aspecto pode-se afirmar que Educação não-formal busca problematizar, formar o sujeito crítico para promover transformações na sociedade. Gohn ressalta que, [...] “a educação não-formal capacita os indivíduos a se tornarem cidadãos do mundo, no mundo. Sua finalidade é abrir janelas de conhecimento sobre o mundo que circunda os indivíduos e suas relações sociais. [...]” (2006, p. 29)

O teatro como modalidade no ensino não-formal, possui também uma relação bem próxima com a Educação formal e à formação profissional quando prioriza aos seus participantes um exercício de expressão corporal aliado a futura inserção no mercado de trabalho.

Vimos que a dança nos espaços não-formais proporciona aprendizagem, respeito pelo outro, interação social e bem-estar para seus participantes. Conforme Fernandes, “[...] questões de ordem qualitativa, tais como “desenvolver ou aumentar a autoestima”, são considerados objetivos gerais, [...] (FERNANDES, 2007, p. 73).

De acordo com outros estudos, a Educação não-formal vem apresentando crescimento em nosso país, principalmente no estado de São Paulo onde obras sociais, organizações não governamentais e instituições privadas e religiosas, se preocupam com a realidade social de crianças e adolescentes que vivem principalmente em bairros periféricos e de baixa renda.

A Educação não-formal desenvolve práticas por diversas instituições, e ocupam o jovem com atividades produtivas e longe do tempo ocioso inverso ao escolar, onde um número grande de adolescentes e crianças ficariam pelas ruas, sujeitas à realidade bastante presente no país, como drogas, cigarro e bebida.

Mas, o jovem ou a criança que frequenta projetos sociais, tem a oportunidade de aprenderem uma profissão, pelo fato de que a maioria das instituições e projetos de educação não-formal desenvolvem seus trabalhos por meio de oficinas culturais, esportivas e profissionalizantes voltados para essa juventude, principalmente de área periférica.

Desse modo, dança e o teatro não podem ser apenas sinônimos de festividades. Elas são estratégias para que os participantes se apropriem do conhecimento de forma

significativa, para que desenvolvam a criatividade, a coletividade, o respeito, o autoconhecimento e contribuem para a formação do ser sensível, crítico e reflexivo, que se expressa e se comunica.

Espera-se que essas reflexões levem a novas ideias e discussões, sobretudo, do aprofundamento de estudo sobre a dança e o teatro no papel de Educação não-formal, nos espaços sociais enquanto um conteúdo importante para auxiliar o desenvolvimento do processo ensino aprendizagem dos envolvidos nesse contexto social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, M. E. D. A. Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional. Brasília: Libe livro, 2005.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é educação / Carlos Rodrigues Brandão. (Coleção primeiros passos; 20) São Paulo: Brasiliense, 2007.

BRASIL, Aline Silva. A dança-em-criação: reflexões pedagógicas. Revista pesquisa em artes/fap, Curitiba, v,3, p.1-18, janeiro/junho.2010.

FERNANDES, R.S.; Gohn, M. da G.; SIMSON, O.R.M.V. Não-fronteiras: universos da educação não-formal. 2ª edição, Itaú Cultural, São Paulo, 2007.

GARCIA, Valéria Aroeira. Um sobrevoo: o conceito de educação não formal. IN: FERNANDES, Renata Sieiro e PARK, Margareth Brandini (orgs.). Educação Não-Formal: contextos, percursos e sujeitos. Campinas, SP; UNICAMP/CMU; Holambra, SP: Editora setembro, 2005. p. 19-43.

GARCIA, Valéria Aroeira. O Papel do social e da educação não formal nas discussões e ações educacionais, p 1-15, 2003. Pedagoga, doutoranda em Educação pela Faculdade de Educação da UNICAMP. Supervisora Educacional da Prefeitura Municipal de Campinas. E-mail: va_garcia@hotmail.com.

GIL, A. C. Como Elaborar Projetos de Pesquisa. Ed. Atlas, São Paulo, 2002.

GOHN, M. da G. Movimentos sociais na contemporaneidade. Trabalho encomendado pelo Grupo de Trabalho Movimentos Sociais e Educação, apresentado na 33ª Reunião Anual da ANPED, realizada em Caxambu (MG), de 17 a 20 de outubro de 2010. Revista Brasileira de Educação v. 16 n. 47 maio-ago. 2011.

GOHN, M. da G. Educação não formal na pedagogia social. An. 1 Congr. Intern. Pedagogia Social Mar. 2006.

GOHN, M. da G. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas coletivas nas escolas. Rio de Janeiro: [s.n.], 2006.

LANGENDONCK, Rosana Van. História da dança. Disponível em: http://www.educacaofisica.seed.pr.gov.br/arquivos/File/sugestao_leitura/historia_danca.pdf. Acesso em: 20 nov. 2021.

LIMA, L.M.G; FERNANDES, R.S. História oral e a pesquisa em educação não formal: experiências socio comunitárias no município educador. www.encontro2018.historiaoral.org.br/resources/.../1524776791_ARQUIVO_LIMA; Acesso em 02/06/2021.

LIMA, D. L. <https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/a-educacao-alem-da-escola>. Acesso em 01/06/2021.

MINAYO, M. C. Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. 4^o edição, Petrópolis, Vozes, 2002.

NANNI, Dionísia. Dança Educação – Princípios, Métodos e Técnicas. Rio de Janeiro: Editora Sprint, 1995.

RIBEIRO, Juscelino B. A contribuição do teatro à educação. In: MACHADO, Irley. Teatro: ensino, teoria e prática. Uberlândia: EDUFU, 2004. SANTOS, Theobaldo Miranda. Noções de prática de ensino. 6^a ed. Cia editora nacional, São Paulo, 1961.

SILVA, Silvana dos Santos. A dança: Sentidos e significados. Revista Digital, Buenos Aires, v. 14, n. 139, p. 1, dez. 2009.

VIEIRA, V. S.; BIANCONI, M.L; DIAS, M. Espaços Não-Formais de Ensino e o Currículo de Ciências. Ciência e Cultura (SBPC), Brasil, v. 57, p. 21-23, 2005.